

## ANTROPOLOGIA E EDUCAÇÃO: princípios para Etnografia na Escola<sup>1</sup>

Camila Ferreira da Silva\*  
Ruth Araújo da Cunha\*\*

OLIVEIRA, Amurabi Pereira de. *Etnografia para educadores*. São Paulo: Editora Unesp, 2023.

Muito se fala em inter e transdisciplinaridade, mas a construção de pontes entre áreas do conhecimento distintas não é tarefa fácil, sobretudo frente ao aprofundamento dos processos de ultraespecialização acadêmica a que temos assistido nas últimas décadas (Andrade, 2019). Amurabi Oliveira é dos raros pesquisadores que tomam tal tarefa como princípio de suas carreiras, e no seu caso o entrelaçamento das Ciências Sociais com a Educação tem lhe possibilitado transitar sobre domínios como Sociologia e Antropologia da Educação, Ensino de Ciências Sociais (Sociologia e Antropologia), História das Ciências Sociais e a Formação de Professores de Ciências Sociais.

\* Universidade Federal do Amazonas (UFAM). Faculdade de Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação. Avenida General Rodrigo Octávio Jordão Ramos, 3000. Coroado I. Cep: 69080-900. Manaus – Amazonas – Brasil. cfsilva@ufam.edu.br  
<https://orcid.org/0000-0002-2348-9350>

\*\* Universidade Federal do Amazonas (UFAM). Faculdade de Educação. Avenida General Rodrigo Octávio Jordão Ramos, 3000. Coroado I. Cep: 69080-900. Manaus – Amazonas – Brasil. pedagogaruth@gmail.com  
<https://orcid.org/0009-0001-8976-831X>

<sup>1</sup> Agradecemos À Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas (FAPEAM) e à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

Nesse sentido, seu mais novo livro autoral, “Etnografia para Educadores”, situa-se na fronteira entre a Antropologia e a Educação a partir de um mergulho na Etnografia em contextos educacionais e escolares.

De modo geral, a obra chama atenção por uma correlação substantiva que realiza entre docência e pesquisa, motivo pelo qual Amurabi Oliveira dedica o livro a educadores, com o objetivo de refletir sobre as possibilidades de fazer etnografias na educação. Essas possibilidades constituem horizonte de formação para estudantes da graduação e da pós-graduação das Ciências Sociais, da Antropologia e da Pedagogia/Educação – e, certamente podemos ampliar este escopo para as demais licenciaturas –, bem como para professores da Educação Básica, que possuem um potencial para a feitura de pesquisa etnográfica no contexto escolar.

A experiência de Amurabi Oliveira como docente e pesquisador dá o tom da obra, e nos permite perceber como sua atuação na Educação Básica no Sertão de Pernambuco e, mais tarde, na Educação Superior em universidades brasileiras e estrangeiras, constituem seu ponto de partida para traçar uma discussão que foi guiada, nas palavras do próprio autor, “[...] pelas minhas inquietações em campo e em sala de aula, assim como pelas questões levantadas pelos meus estudantes” (Oliveira, 2023, p. 105). Dessa forma, parece-nos importante destacar a emergência do livro a partir do cotidiano docente, de investigação etnográfica e de orientador do autor, isso porque sua organicidade com as dúvidas, imprecisões, ambiguidades e idas e vindas da etnografia em cenário educacional o tornam uma fonte de diálogo interessante com seus leitores que se encontram em diferentes momentos formativos e profissionais.

A obra apresenta pistas de como utilizar a etnografia no campo da educação, além de salientar os cuidados durante a investigação. A indissociabilidade entre teoria e método constitui um importante pressuposto para Amurabi Oliveira em sua cruzada para refutar posições

Cad. CRH, Salvador, v. 38, p. 1-6, e025074, 2025

que afirmam não haver pesquisas efetivamente etnográficas em educação, em sua perspectiva, é absolutamente possível, por exemplo, que um professor da Educação Básica desenvolva uma pesquisa etnográfica em contexto escolar, sem ser antropólogo, pois um dos princípios da antropologia é **fazer com o outro, junto e através dos sujeitos** para produzir o conhecimento – e o espaço escolar é privilegiado para este tipo de produção autorreflexiva e coletiva. O autor já vinha defendendo a superação de perspectivas superficiais do elo entre etnografia e educação há uma década (Oliveira, 2013), e seu mais novo livro acaba por desenvolver de forma mais aprofundada um diálogo com educadores acerca das práticas de pesquisa inscritas na epistemologia da prática antropológica em contextos educacionais e escolares.

De partida, é importante compreender sobre que contrapontos se coloca o pensamento de Amurabi Oliveira no que tange à Etnografia no espaço escolar, o livro critica e se opõe às perspectivas que privilegiam a generalização pura em detrimento da compreensão mais profunda do contexto, das relações e das pessoas que fazem a escola – apontando aqui uma necessidade de relação entre os contextos macro e microsociais; à descrição isolada e pouco analítica, de caráter inventariante, da Etnografia escolar tradicional; à tendência de isolamento social da instituição escolar, que histórica e epistemologicamente levou a leituras limitadas da escola e das suas correlações com o macrocosmo social; e à neutralidade ilusória do pesquisador, no sentido da superação de uma Etnografia construída a partir de um “observador imparcial”. Sua proposta vai, então, ao encontro da construção de uma Etnografia mais reflexiva, crítica e articulada com a totalidade social, com capacidade de conectar o cotidiano escolar às relações de poder e às desigualdades sociais e educacionais mais amplas.

Nessa esteira, o livro se estrutura em cinco capítulos que entrelaçam os conhecimentos sobre antropologia e educação, por meio da contextualização da etnografia para

educadores, com vista à compreensão do leitor. No 1º capítulo, intitulado “Contextualizando etnografia para educadores”, o autor especifica o que é etnografia, por meio da apresentação histórica das práticas etnográficas ao longo das épocas, mas não espere linearidade, mas sim, movimento e mudança no percurso de avanço dessa ciência. Amurabi Oliveira esclarece que a definição de etnografia é complexa, porque não podemos simplesmente defini-la a partir da origem grega da palavra (*ethno* = povo e *graphein* = escrever). Para tal, é preciso levar em consideração a afirmação de Ingold (2017), de que a etnografia é mais uma arte do que uma ciência, contudo, não menos precisa e verdadeira.

No 2º capítulo, “Quando o campo é a escola: alguns preparativos”, temos uma preparação para entender e respeitar o espaço que se constitui como campo de investigação. O autor reforça a importância da visão holística sobre o campo e se volta para as possibilidades do uso da etnografia, mas na perspectiva de que “a pesquisa não é para provar algo, mas para desvelar o que é desconhecido, ou analisar o que é conhecido por um novo ângulo” (Oliveira, 2023, p. 45). O 3º capítulo, “Entrando em campo” se entrelaça com o 2º, pois estabelece a escola como campo de investigação, partindo da narrativa de que o campo integra uma realidade determinada. Por isso, o pesquisador deve estar bem informado sobre a realidade local, seus dilemas e sua linguagem.

Já no 4º capítulo, “Observando a realidade escolar”, o autor nos orienta sobre o que observar na escola, identificando o que a define como escola, suas características e suas práticas. Destacando alguns instrumentos de registro da realidade. O 5º capítulo, “A escrita etnográfica”, após contextualizar a pesquisa etnográfica e o campo escolar, destaca a escrita como fonte de conhecimento, por meio do registro no diário de campo ou no diário de classe, pois ambos registram o cotidiano do pesquisador/educador em campo. Ao registrar no diário de campo as venturas e desventuras

da pesquisa, no momento da transposição da escrita do diário para dissertação/tese será estabelecida uma inter-relação entre a observação e a análise.

Amurabi Oliveira demonstra que não há prática educativa que ocorra fora das práticas culturais, e aqui podemos perceber sua posição com relação à indissociabilidade entre cultura e educação na construção do conhecimento. Tal compreensão é crucial para a ideia defendida pelo autor de a prática da etnografia não pertencer somente ao campo antropológico, mas a outros, como o da educação – daí emerge sua defesa de que a formação de etnógrafos nos diferentes espaços institucionais é indispensável para o crescimento científico. Ainda com o objetivo de contextualizar a etnografia, o autor traz um breve relato sobre os primeiros estudos dessa epistemologia, ao citar o antropólogo polonês Bronislaw Malinowski (1884-1942), considerado o difusor da sistematização da etnografia moderna, sem deixar de refletir criticamente sobre a associação entre desenvolvimento antropológico e colonialismo. Nessa esteira destaca que, apesar das críticas sobre a sistematização etnográfica de Malinowski, sua visão sobre o outro amplia nossa própria visão de mundo – perspectiva que, segundo Romero (2010) e Souza (2006), se relaciona com a visão de Paulo Freire sobre a educação.

No tópico denominado “Quando o campo não é uma ilha deserta: observando o familiar”, Amurabi destaca as mudanças que ocorreram no campo antropológico e na relação entre o antropólogo e os sujeitos investigados (antropologia urbana). Esse deslocamento do campo se dá a partir do momento em que o espaço investigado deixa de ser uma ilha ou uma “tribo” nativa, e passa a ser o espaço urbano, espaço social do próprio pesquisador. Com esse deslocamento de espaço, passa a existir uma aproximação maior entre o pesquisador e os pesquisados. Para o etnógrafo da educação, apesar de ele conhecer o espaço da escola e os agentes que pertencem a esta instituição, fazer pesquisa nesse contexto é encontrar uma

forma nova de conhecer o conhecido. E, como dissemos inicialmente, uma vez que para o autor não há separação entre teoria e prática, uma pesquisa etnográfica “[...] pressupõe não uma coleta, mas sim uma construção dos dados, que se dá em meio ao processo intersubjetivo que se estabelece entre pesquisador e pesquisado” (Oliveira, 2023, p. 34).

Esse é um princípio básico das Ciências Humanas e Sociais. Em sua reflexão sobre o que é Etnografia, o autor apresenta caminhos que se traduzem em princípios básicos da pesquisa etnográfica, apoiado nos estudos de Roberto C. de Oliveira (2006), Ingold (2016) e Fonseca (1999), dos quais destacamos que o pesquisador deve praticar os atos cognitivos de olhar, ouvir e escrever sobre o objeto pesquisado, utilizando-se da observação participante, na dinâmica de observar e participar; além disso, deve ainda percorrer os caminhos do estranhamento, da esquematização, desconstrução e da comparação, a partir da compreensão de que não existe uma fórmula mágica para se fazer pesquisa. Quando se trata da pesquisa etnográfica no campo escolar, Amurabi destaca que é necessário superar o discurso de que no campo educacional fazemos pesquisa “do tipo etnográfico” – um eufemismo que corre o risco de se mostrar superficial com relação ao tipo de pesquisa que se realiza na fronteira entre a Antropologia e a Educação –, como a educação é um campo interdisciplinar, o autor defende que a etnografia pode nos possibilitar uma nova forma de construir conhecimento sobre este contexto.

As experiências de Amurabi Oliveira como professor universitário e orientador vão ganhando espaço na obra à medida em que ele nos presenteia com um relato de seus processos de planejamento, ensino, pesquisa e acompanhamento dos orientandos. Nesse sentido, evidencia-se a relevância da preparação e do planejamento antes de ingressar na pesquisa de campo, por mais que exista certa familiaridade do pesquisador com o espaço escolar. E, como não há um receituário de como fazer pesquisa etnográfica, e ainda como não se tra-

ta de provar ou demonstrar algo previamente dado/concebido, a ênfase é colocada nos caminhos epistemológicos de construção de conhecimento a partir da tentativa de conhecer o que nos é desconhecido, ou analisar aquilo que já conhecemos por um novo ângulo.

Temos, então, que o papel da pesquisa etnográfica em educação vai ao encontro da “suspensão das certezas” e da “leitura atenta da realidade” (Oliveira, 2023, p. 46). Cabe ao educador/pesquisador, nesse sentido, delimitar o que deseja investigar, formular uma pergunta-chave e refinar continuamente aquilo que lhe inquieta na realidade escolar – tarefas investigativas que devem se dar conjuntamente ao conhecimento dos trabalhos que existem na área da Antropologia da Educação, da Etnografia e de diferentes campos disciplinares, uma vez que as experiências e dilemas que foram enfrentados por outros pesquisadores auxiliam no caminhar da produção de conhecimento etnográfico em educação.

Concebe-se, nessa linha, que a pesquisa etnográfica não é simplesmente sobre o campo escolar, mas sim, uma pesquisa no campo escolar – princípio homólogo ao de Geertz (1989), que afirma que pesquisamos nas aldeias e não as aldeias, com Amurabi Oliveira compreendemos que estamos a falar de pesquisas nas escolas. A preparação para o momento de entrar no campo da pesquisa é crucial, e sobre isso o autor sublinha a importância de selecionar os equipamentos (gravador, celular, computador, etc.) e documentos necessários e, sobretudo, de ouvir, perguntar e tomar nota de cada acontecimento, tendo em vista que estes exercícios de escuta, questionamento e de registro são centrais na Etnografia educacional e escolar, posto que são eles que nos permitem nos contaminarmos pelo campo. O autor defende, assim, que, a partir da ética da pesquisa etnográfica com seres humanos, é necessário conhecer o espaço e a sua organização, relacionar-se com os sujeitos escolares antes de entrevistá-los, isso porque há aqui um processo de aceitação no campo que tende a se dar gra-

dualmente, com contínuas negociações com os sujeitos da pesquisa.

Um outro elemento da pesquisa etnográfica no espaço escolar que merece atenção é a observação participante, que permite ao pesquisador direcionar seu olhar para a escola a partir de lentes ampliadas com capacidade de conectar fatos e fenômenos. Para Amurabi Oliveira (2023, p. 80),

[...] a observação etnográfica possibilita a compreensão de que os casos estudados não são casos particulares e isolados simplesmente, mas que se relacionam a outros fenômenos sociais, inserem-se em uma teia de relações, e para captá-la é necessário estar com outros, estar disposto a ouvi-los e entender o sentido que atribuem a suas práticas.

A observação pode ser combinada com outros recursos, como a entrevista, ou melhor, uma conversa direcionada, em que ouvir constitui o princípio básico. Esse processo de construção de dados pode assumir novos contornos em determinada realidade, e registros visuais (a exemplo das fotografias e dos desenhos) podem se tornar um importante elo entre pesquisador e pesquisado, a partir das percepções e interpretações sobre a realidade de ambos. Percebe-se, então, que Amurabi Oliveira defende uma etnografia escolar como construção, cujo processo diz respeito à reflexão investigativa sobre os melhores caminhos para conhecer com o outro a realidade, as lógicas, as relações, as percepções e ações que se forjam na escola.

No que tange, por sua vez, à escrita etnográfica, o autor se volta para os registros das observações, interações, impressões, ideias e até esquemas mentais no Diário de Campo. Esclarece que não se pode confundir este Diário com o texto do relatório, dissertação ou tese, uma vez que ele pode ser tomado como um importante suporte à memória para a produção do texto final da pesquisa. Amurabi não defende um modelo fechado de Diário de Campo e destaca que seu papel é o de registrar ao máximo a experiência de campo do pesquisador. Se o que registramos no diário de campo não é a dissertação/tese, o autor afirma que o pesquisador precisa

conhecer os aspectos desse campo para poder melhor construir o texto etnográfico, estando atento aos detalhes e à inter-relação entre a observação (campo) e a análise (escrita), posto que a escrita, para Oliveira (2023), é um exercício sempre inacabado. É a partir de suas próprias experiências de pesquisa e escrita etnográfica que Amurabi Oliveira compreende que o processo de escrita correlaciona movimentos de coleta e produção, bem como de conexão entre o ponto de vista do pesquisador e dos sujeitos da pesquisa, trata-se, portanto, dos fragmentos encontrados na pesquisa que possibilitam entendimentos sobre o campo pesquisado.

Da superação de perspectivas superficiais na relação entre Antropologia, Etnografia e Educação ao debate sobre a feitura da pesquisa etnográfica na escola, o novo livro autoral de Amurabi Oliveira tem o mérito de convidar educadores a compreenderem as etapas fundamentais de uma pesquisa etnográfica e de seu potencial para a construção de conhecimento sobre um espaço relativamente familiar para este profissional, e que pode ser vislumbrado por novas lentes, instrumentos, técnicas e reflexões que vão na direção de uma pesquisa necessariamente colaborativa, posto que necessariamente se constrói com o outro, com os sujeitos escolares. A obra destaca a relevância de um projeto de pesquisa bem elaborado, o conhecimento do espaço pesquisado, o respeito ao campo e aos sujeitos investigados, o registro diário e o cuidado com a escrita etnográfica.

Em que pesem possíveis críticas que a obra possa receber no sentido da ausência de um detalhamento maior dos caminhos de uma Etnografia na/com a Escola, sobretudo levando-se em consideração um de seus principais argumentos – de que todos os professores podem fazer trabalhos etnográficos –, partindo do pressuposto de que a Etnografia não é uma técnica, mas sim uma forma peculiar de produzir conhecimento, é preciso esclarecer que Amurabi Oliveira não pretendeu criar um manual de Etnografia, ao contrário, ele apresenta

cional um guia reflexivo para educadores, estudantes de graduação e pós-graduação, jovens pesquisadores e para todos aqueles que almejam conhecer e interpretar melhor a realidade que os cerca. Quando a Etnografia é produzida por educadores no espaço escolar estamos diante de um processo de construção de conhecimento com um largo potencial de ressignificação daquilo que historicamente tem sido naturalizado nesse espaço, exatamente pela capacidade de observar aquilo com o que se tem familiaridade, que se concebe aprioristicamente como conhecido, com novos olhares, novos ângulos, novos diálogos, interações e possibilidades de ação.

Compreendemos, ademais, que esta possibilidade de construção de olhares outros sobre a escola que o autor nos apresenta constitui o principal motivo para a nossa indicação de leitura da obra. E ainda, do ponto de vista da pesquisa no campo da Antropologia da Educação, estamos diante de uma reflexão que vai além dos modelos tradicionais de construção das investigações e, nesse sentido, recentraliza questões ligadas à autonomia do educador/pesquisador, à criação e ao cultivo da compreensão diante da convivência com o outro no espaço escolar.

Recebido para publicação em 24 de agosto de 2024  
Aceito para publicação em 22 de setembro de 2025

Editor Chefe: Renato Francisquini Teixeira

#### **CONTRIBUIÇÃO DE AUTORIA:**

*Camila Ferreira da Silva* – Preparo. Criação e/ou apresentação do trabalho publicado pelos integrantes do grupo de pesquisa original, especificamente escrita, revisão crítica, comentário ou revisão – incluindo etapas pré ou pós-publicação.

*Ruth Araújo da Cunha* – Preparo. Criação e/ou apresentação do trabalho publicado, especificamente da escrita do esboço inicial (incluindo tradução significativa).

#### **DECLARAÇÃO DE DISPONIBILIDADE DE DADOS:**

Os dados deste artigo podem ser obtidos mediante solicitação ao autor correspondente.

## REFERÊNCIAS

ANDRADE, Daniel Pereira. O que é o neoliberalismo? A renovação do debate nas ciências sociais. *Revista Sociedade e Estado*, Brasília, v. 34, n. 1, p. 211-239, jan./abr. 2019.

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

OLIVEIRA, Amurabi Pereira de. *Etnografia para educadores*. São Paulo: Editora Unesp, 2023.

OLIVEIRA, Amurabi Pereira de. Por que etnografia no sentido estrito e não estudos do tipo etnográfico em educação? *Revista da FAEEBA – Educação e Contemporaneidade*, Salvador, v. 22, n. 40, p. 69-81, jul./dez. 2013.

ROMERO, Óscar Armando Hernández. Hacia una antropología de la Educación em la América Latina desde la obra de Paulo Freire. *Magistro*, Rio de Janeiro, v. 4, n. 8, p. 19-32, 2010.

SOUZA, Mauricio Rodrigues de. Por uma educação antropológica: comparando as ideias de Bronislaw Malinowski e Paulo Freire. *Revista Brasileira de Educação*, v. 11, n. 33, p. 487-596, 2006.

**Camila Ferreira da Silva** – Doutora em Ciências da Educação pela Universidade Nova de Lisboa. Professora da Faculdade de Educação e do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Amazonas. Líder do Grupo de Pesquisa em Sociologia Política da Educação (GRUPESPE/UFAM), desenvolvendo pesquisas nas áreas de Sociologia da Educação e Política da Educação. Suas mais recentes publicações são: *Avaliação Municipal da Educação Infantil*: reflexões sobre os desafios de avaliar no contexto amazônico (<https://doi.org/10.5007/2175-795X.2025.e102048>); *O papel da sociologia da educação na formação docente em Portugal*: entrevista com Mariana Gaio Alves (<https://doi.org/10.22481/praxisedu.v21i52.17287>).

**Ruth Araújo da Cunha** – Doutoranda em Educação pela Universidade Federal do Amazonas. Pedagoga da Secretaria Municipal de educação de Manaus. Integra o Grupo de Pesquisa em Sociologia Política da Educação (GRUPESPE), desenvolvendo pesquisas na área de Políticas Públicas; Políticas de avaliação. Suas mais recentes publicações são: *Ensaio*: os atos do Estado e os sistemas de avaliação educacional na Amazônia (*Revista Educação em Páginas*. ISSN 2764-8028 - 2023 - v. 2, n. 2: e13452); *Entrevista*: o papel da sociologia da educação na formação docente em Portugal: entrevista com Mariana Gaio Alves (*Revista Práxis Educacional*. ISSN 2178-2679 - 2025 - v. 21, n. 52: e17287).